

AUTOBIOGRAFIAS E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: UM DIÁLOGO AUTOFORMADOR

ANA GLÍCIA DE SOUZA MEDEIROS
LÍVIA MARIA RODRIGUES SOLANO
MARIA ANTÔNIA TEIXEIRA DA COSTA

Considerações Iniciais

A formação docente tem ocupado nos últimos anos lugar de bastante destaque no cenário nacional e internacional. E está sendo discutido sob vários ângulos e métodos investigativos. No entanto, a pesquisa e o método autobiográfico tem ganhado cada vez mais enfoque nesses tipos de discussões, com intuítos diversos que vai desde a história da própria profissão, identidade, práticas até suas motivações mais intrínsecas.

Por entender que a formação do educador requer fundamentação, compreensão, disponibilidade, sensibilidade, valoração do trabalho, flexibilidade, e entendendo a educação como fenômeno de conquistas e transformações, de dimensões das mais variadas no campo educacional, é que ressaltamos a grande importância do resgate das memórias dos professores para ampliar os saberes da experiência e usá-los como instrumento de autoformação e de conhecimento social, cultural e histórico.

A partir dessas constatações é que evidenciamos a utilização da pesquisa autobiográfica no Brasil, seus percursos e contribuições oferecidas até então para o processo de formação inicial do pedagogo. Considerando o contexto histórico em que estão se desenvolvendo, aliaremos este fator ao relato de uma professora da rede pública de ensino para fomentar as discussões aqui apresentadas.

Procuramos neste estudo compreender a partir de teóricos reconhecidos no campo da educação que tratam especificamente da pesquisa autobiográfica e história de vida de professores um

pouco sobre o método e sobre sua ascensão histórica.

Num segundo momento, trataremos de analisar as narrativas de uma professora da rede pública de ensino da cidade de Grossos – RN. Como também evidenciaremos as lições advindas de suas falas, que promoveram-nos sentimentos de identificação com a profissão.

As Especificidades e Implicações das Narrativas Autobiográficas e sua Contribuição para Formação de Professores

Pretendemos neste recorte discutir as particularidades das narrativas autobiográficas, assim como o método autobiográfico, delineando suas características a partir de respaldo teórico rico na área das ciências sociais e humanas. Pretendemos abordar ainda as contribuições deste tipo de pesquisa para a formação de professores, procurando também discutir o termo formação.

Nos últimos anos, conforme estudos da área das ciências sociais, o método autobiográfico vem ganhando bastante destaque, especialmente no campo educacional, com seus estudos voltados mais especificamente para vida dos professores envolvendo profissão, práticas pedagógicas e identidade docente, dentre outros aspectos da profissionalização dos professores.

Respaldamos-nos em Souza (2008) para delinear cada aspecto constitutivo da pesquisa autobiográfica. Inicialmente, destacamos seu primeiro aspecto o qual ele afirma que o ato de narrar-se, por si só, é um fenômeno, pois nesse processo o sujeito “narrador” vai selecionar, analisar e transpor situações relevantes de suas vivências; o segundo aspecto trata da pesquisa autobiográfica como método de investigação, ou seja, dispõe de subsídios sistemáticos para sua realização e execução, tem seus modos particulares de ser desenvolvido e analisado; O terceiro aspecto refere-se ao processo de investigação e intervenção. Neste os sujeitos vão refletir as dimensões da formação, no que concerne à identidade profissional, e não

só isso, mas podem através desse processo intervir de maneira considerável em suas ações e modos de pensar a prática e a formação.

De fato, as narrativas compreendem um mundo de conhecimentos para além da simples descrição de fatos de uma vida. Ela nos conduz a análises bem mais aprofundadas e elaboradas a respeito da evolução do homem na sociedade, seus modos, comportamentos, valores, culturas e política, de maneira que contextualizamos todas as nossas experiências numa trama que foi construída num tempo/espaço que teve e que tem um grande significado para a compreensão de certos fenômenos sociais.

As experiências obtidas pela entrevista são as mais significativas possíveis, porque ali se está diante não só do objeto de conhecimento, mas do ser, do ator social que reproduz a sua vida individual e coletiva por meio de relatos.

De acordo com Bragança (2008) a narrativa de história, seja ela individual ou coletiva, trata-se de uma prática propriamente humana e esta revela o lugar fundamental no compartilhamento da construção de modos de ser e estar no mundo.

A autobiografia é uma produção escrita do próprio sujeito sobre si e tem como referência sua trajetória existencial, enfocando, assim, a vida de forma ampla, ou seja, não aborda fragmentos, mas, busca expressão da totalidade ou o essencial da vida. Referindo-se às histórias de vida, Josso (2002) também defende que uma especificidade dessa abordagem é a busca de enfoque sobre a globalidade de vida e não sobre determinados aspectos. (BRAGANÇA, 2008, p. 254 – 255)

As narrativas não têm seus propósitos marcados apenas pela expressão oral ou escrita de partes fragmentadas de uma vida individual e coletiva, ela busca sobremaneira, a expressão de uma totalidade vivida e no que houve de essencial dessa, ou seja, daquilo que fora significativo/formativo.

Os Estudos com História de Vida de Professores

No atual contexto em que está inserida a pesquisa educacional é inegável a visualização que as abordagens com histórias de vida de professores tem tomado, a isso deve-se inclusive a questão da subjetividade como fator desencadeador de adesão de muitos pesquisadores da área da educação e especialmente da sociologia, sendo na educação utilizada na formação continuada de professores (BUENO, 2002).

As abordagens autobiográficas trazem um foco nas práticas de formação docente, apontando sentidos e potencialidades dessa perspectiva. Há reflexões a respeito da relação entre representações e memórias dos professores sobre suas práticas educativas como fatores constituintes de análise de processos educativos e de formação.

Quando ficamos diante dos relatos da professora Jurandir Brito, percebemos o quanto os valores, crenças e conhecimentos de modo geral vão sendo postos em seus relatos de maneira muito sutil e marcante, visto que no âmbito de sua formação individual inicial ela passou por momentos que tiveram destaque no cenário nacional e que mudaram as estruturas sociais daquele período, como foi o golpe de 64. Mas, percebemos que estes fatores históricos foram sendo incorporados à história de vida dessa professora como uma forma de integração social e política e de conhecimentos dos mais variados. Pois, mesmo que não se tivesse clareza do que estava acontecendo no país e do por que estava afetando também a sua cidade, ela buscava informações por meio dos sistemas de comunicação, no caso o rádio, para entender melhor a situação. Bragança, 2008, p. 265.

A esse respeito, Nóvoa (1988, *apud* Bueno 2002) reflete sobre esse contexto no terreno da formação de professores, acrescentado: “considerar o conceito de reflexividade crítica e assumir que “ninguém forma ninguém” e que “ a formação é inevitavelmente um

trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”. Estas reflexões nos mobilizam a pensar em pontos relevantes da prática de reflexão sobre os aspectos da própria vida.

Com relação ao duplo aspecto da pesquisa autobiográfica Bueno (2002) enfoca os seguintes aspectos, diante das análises e estudos que realizou:

[...] dar voz aos professores supõe uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do direito dos mestres de falarem de si mesmos. Além disso, ao serem concebidos como sujeitos da investigação e não apenas objeto, eles deixam de ser meros recipientes do conhecimento gerado pelos pesquisadores profissionais [...]. (BUENO, 2002, p. 22).

Subentende-se que a voz dos professores ecoa conhecimentos dos mais variados, que vão não só reconstruindo a vida individual e coletiva dos mesmos, mas apontam para questões que estão além do espaço temporal e cronológico, nos remetendo a uma práxis fundamentada em vivências que geram elementos constitutivos para o corpus do conhecimento e do saber profissional docente, esteja ele relacionado a práticas pedagógicas, identidade docente, percurso profissional, profissão e profissionalização docente, dentre muitos outros aspectos inerentes à educação.

“A escrita de si possibilita o deslocamento dos tradicionais recortes disciplinares, de modo a enfatizar a voz dos professores, suas trajetórias pessoais e de trabalho, tomadas como modalidades de saber cruciais para o aperfeiçoamento da docência. (LUGLI E SILVA, 2007, p. 37)”. Esse modo particular de perceber a história, sobre tudo a história de vida de professores dando voz aos mesmos, nos coloca diante de um novo cenário investigativo que extrapola os limites da ciência experimental e metódica. Possibilita-nos conhecer a história de uma maneira peculiar, valorosa e enriquecedora para a formação de educadores.

Souza (2008) destaca que a biografia (aqui entendida como histórias de vida, narrativas autobiográficas e memórias) é parti-

nente por ser considerada um meio de investigação e um instrumento pedagógico, no qual tal abordagem possibilita apreender dispositivos sobre os percursos de formação e das dimensões do cotidiano escolar, de questões vinculadas à profissão, além da apreensão de diferentes processos de aprendizagem. Isto advém das experiências de vida profissional e acadêmica, dos seus modos de narração das histórias de vida, sejam elas individuais ou coletivas, expressas no memorial de formação.

História de Vida da Professora Jurandir Brito Ferreira: Análise Pedagógica do seu Tempo

Neste tópico, nos delimitamos não apenas a analisar a trajetória profissional da Professora Jurandir, mas também atirar destas lições sobre o decurso de sua vida profissional, pautadas nos contextos evidenciados em cada uma de suas falas. Iremos realizar uma abordagem contextual das décadas correspondentes a sua atuação docente, possibilitando, ainda que superficialmente, alguns aspectos sociais, econômicos, culturais e sobretudo educacionais, presentes na fala da professora, que foram retratados por alguns autores da área da educação.

Para tanto, iniciamos nossa discussão retratando o que é ser um professor, a partir de pressupostos subjetivos. Como nos remete os estudos de Souza (2008), o sujeito tem a liberdade de escolher, de selecionar o que fora mais significativo no deslocamento de suas ações. E nas falas da professora Jurandir Brito, é exatamente o que vai transparecer: os fatos que deixaram marcas na sua essência de ser sujeito.

Torna-se professor é um exercício, uma aprendizagem experiencial e formativa inscrita na visão positiva que os sujeitos têm sobre si, sobre suas memórias de escolarização e na superação e acolhimento dos modelos formativos que viveram nos seus percursos de escolarização. (SOUZA, 2008, p.93).

Ser professor está para além de querer ser, ou de estar professor. É uma profissão que vai agregando os saberes ao longo de uma existência individual e coletiva. Souza (2008) vem nos alertando para o fato de que em seu processo de escolarização estes professores passam por movimentos de recuo, acomodação e superação de determinados modelos institucionais, e que este processo memorialístico faz toda diferença no ato de narrar sua história profissional de maneira positiva.

Portanto, no segundo momento de nossa entrevista, focamos a nossa conversa no percurso de formação acadêmica da professora Jurandir Brito, buscando saber quais foram as suas motivações para optar por tal profissão, e de forma surpreendente ela nos confessou como se deu esse processo a partir do seguinte relato:

Na realidade eu... fui professora, mas não era a minha primeira opção. A minha primeira opção era ser médica, o meu desejo era de ser médica. Mas, como eu não tive condição... nos anos 70 veio a mecanização e os meus pais não tinham condição de trabalhar na Indústria Mecanicista, que se instalou em Areia Branca e Grossos. Meus pais ficaram numa situação difícil e eu não pude, não tinha condição de estudar. Então eu tive que fazer o ginásio em Grossos, quando terminei o ginásio não tinha como fazer o 2º grau em Grossos, pois não tinha. Fui para Areia Branca e fiz o magistério lá. A essa altura, eu já estava trabalhando, comecei a trabalhar como professora em 69 no MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). E nos anos 70 eu comecei a trabalhar pelo Plano Nacional de Educação (PNE). Isso porque era a pessoa que tinha ginásio em Grossos. Foi uma condição imposta, da diversidade que se impunha na minha cidade, na minha família, de modo especial na minha vida. E eu abracei a carreira com gosto! E gostei de ensinar, gosto de trabalhar com a educação. E o que eu sei fazer. Luto cada dia mais pra melhorar, pra me aperfeiçoar. Batalho muito por... não sou conformada com a situação que a educação se encontra hoje. Acho que agente avançou em alguns aspectos, mas, alguns precisamos avançar muito em tudo... formação continuada, especializações. Mas, acima

de tudo no desejo de melhorar a qualidade da educação. A educação é muito deficitária ainda. (Jurandir Brito Ferreira, entrevista em: Grossos – RN 21/07/2012).

Os relatos da professora sobre suas motivações profissionais nos colocam diante de um contexto sócio-econômico que de fato pode ter influenciado não só a sua opção pela carreira docente, mas a de muitos outros professores. No caso da professora Jurandir Brito, aos poucos ela foi desenvolvendo sua identidade pedagógica, foi tomando gosto pela profissão e como ela mesma nos relatou, abraçou a causa, e um dos aspectos desse relato que mais nos chamou a atenção é o não conformismo com a situação da educação nos dias de hoje. Mas podemos citar algumas situações pelo lado daqueles professores que ficaram por obrigação ou porque precisavam de uma ocupação que lhes dessem recursos financeiros. De certo modo essas escolhas forçadas influenciaram suas ações dentro da sala de aula de maneira negativa ou pouco positiva.

Vimos que ainda na adolescência, com apenas 15 anos, a professora Jurandir Brito já começou a trabalhar com a educação escolar no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) isso porque era a única pessoa com um grau de escolaridade acima dos demais cidadãos da cidade de Grossos.

Com relação às escolas por onde passou, a professora fez um breve histórico, citando algumas escolas onde atuou como professora, diretora e destacou algumas características dessas escolas; quanto aos seus níveis de ensino, cursos e habilitações.

Ao recorrer às suas memórias e revelar como se deu sua atuação docente, as suas práticas e as tendências que seguiu no decurso de sua profissionalização a professora Jurandir Brito Ferreira revela, antes de mais nada, a sua inclinação para o estudo, seu pensar no futuro, colocando a educação como uma ponte para o avanço.

Eu sempre fui uma pessoa que é... gostei de estudar, gostei de ver o futuro. Procurava os pensadores mais atualizados que batia com meu pensamento né?! Na questão da alfabetiza-

ção, eu sempre acompanhei a teoria de Paulo Freire. Foi justamente na época quando eu comecei. Que eu comecei com o método Paulo Freire no MOBREAL. E eu tenho assim... um carinho muito grande pela metodologia utilizada por Paulo Freire, por Emília Ferreira, Vygotsky, posteriormente porque eu trabalhei no ensino médio, ensinei filosofia, ensinei estrutura e funcionamento. Então, eu sempre fui assim, estudiosa, sempre gostei de estudar, modéstia a parte. Estudava os pensadores e cada revista que trazia um novo pensador que saía eu sempre procurei buscar a forma mais eficaz de fazer com que assim chegasse de forma interativa com meus alunos e com os meus colegas. Porque, não se pode conceber que a gente ensina quando o aluno aprende, tem que haver essa socialização do que se diz, do que se faz, do que se prega e do que se vive. O aluno é para o professor, o que o professor é para o aluno. Então, tem que haver uma interação, uma socialização entre os conteúdos, o professor, a escola, a comunidade. Então, tem que ter uma contextualização de todos os ingredientes que fazem a comunidade escolar para que haja um ensino eficiente e eficaz. (Jurandir Brito Ferreira, entrevista em: Grossos – RN 21/07/2012).

A década de 70 foi marcada por inúmeros conflitos políticos, sociais e culturais que influenciaram fortemente a educação brasileira, começando pela “Nova” Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que propôs uma reforma no sistema de ensino introduzindo o tecnicismo como tendência pedagógica. Com a nova lei, todos os professores, mesmo que sem preparação adequada para execução desta, tiveram que incorporar ainda sem conhecer ou saber dos seus objetivos de maneira clara.

A década de 80 foi aos poucos proporcionando novas vivências para o povo brasileiro, graças à abertura política que se instalou com o fim da ditadura militar e à criação da Constituição cidadã de 1988, no documento do Fórum Nacional de Educação:

A Constituição cidadã de 1988 marca um novo conceito de participação na formulação das políticas públicas. Até en-

tão, os momentos de participação eram de pessoas, como no Manifesto dos Pioneiros, ou de agentes governamentais, como nos encontros e congressos realizados para elaboração dos planos anteriores, caracterizando, neste caso, ações de governo. O novo conceito de participação a partir da Constituinte de 1988 passou a representar a pluralidade das vozes articuladas por meio das entidades da sociedade civil organizada. (BRASIL, 2011, p. 17).

A constituição de 1988 trouxe alguns elementos a serem pensados, sobretudo no cenário sócio-político, isso porque a partir de tal abertura passou-se a pensar nos cidadãos e no processo de democracia, visto que nesse período, segundo este documento, houve uma maior participação política por meio de manifestos de entidades sociais e até mesmo da sociedade civil organizada. A professora Jurandir retrata a década de 80 como um período no qual:

Houve uma abertura, das escolas com a nova mudança da lei 5.692/71. Houve uma certa abertura pra uma nova chamada, pra se observar a questão da estrutura e funcionamento das escolas. Então uma lei, outra lei, o povo é o mesmo! É o mesmo povo brasileiro. O Brasil é o mesmo tanto faz tá no norte como no sul. E o que se precisa realmente é de ter unidade e coerência entre o dizer e o fazer. Não basta tá mudando de lei, precisa de ver, o que precisa ser implantado, a quem nós estamos servindo? Qual a escola que nós queremos? Que ensino pretendemos? Porque a sociedade, a sociedade determina é que determina o sistema de vida da cidade, do Estado, do País. Não é, uma lei que vai fazer tudo mudar. A lei pode mudar determinadas situações, a sociedade que vai dizer que daí delimita o que é melhor para educação de seu filho, da sua cidade. Essas são questões que a gente tem que ter bem clareza: Mudou, mas mudou por quê? Pela necessidade que a sociedade tinha daquilo. Eram poucas as televisões preto e branco (anos 70). Nos anos 80 começou a surgir televisões coloridas, computadores (internet), telefones... era uma série de coisas que contribuiu pra deflagrar uma nova mudança em todo sistema. (Jurandir Brito Ferreira, entrevista em: Grossos – RN 21/07/2012).

As Lições da Professora Jurandir Brito: Marcas dos Aprendizados no Caminho da Formação e Autoformação

É inegável o valor das memórias e histórias de vida de professores tem para com a profissão docente, em especial essa aproximação no processo de formação inicial. Quando ficamos diante de sujeitos que vivenciaram certos acontecimentos que só nos são re-passados em sua maioria por meio de livros, jornais, começamos a entender que cada parte da sociedade encara os fatos de uma forma particular. As memórias da professora Jurandir Brito se configurou num viés para refletir sobre a prática pedagógica, políticas educacionais, tendências de ensino, valores morais e éticos entre muitos outros elementos importantes.

Quando entramos em contato com a professora Jurandir Brito pela primeira vez para convidá-la a reconstruir seu trajeto pessoal e profissional, percebemos que esta sentia-se motivada para tal procedimento e isso nos enriqueceu no sentido da presteza com que nos recebeu e sobretudo na simplicidade e humildade com que nos tratou. Mostrou que ser professor, não é uma questão puramente de opção, de escolhas, mas de amor, de sempre querer dá o melhor de si, de se entregar a profissão e aos desafios que esta proporciona.

Em relação aos níveis de exigência escolar, a partir das narrativas da professora Jurandir Brito, consideramos que, de certo modo aliado as práticas tradicionais de ensino estes dispositivos como era o caso do exame de admissão proporcionava na época muitos avanços, seguidos de uma série de outras implicações negativas como a evasão. Mas, o que queremos aqui salientar é que hoje, como aparece claramente nas narrativas da mesma, o ensino tem uma série de regalias que ao nosso entendimento tem dificultado que aprendizagem seja eficiente e eficaz. Quanto ao ensino tradicional, diferentemente do que apontam como fatores negativos dessa tendência, procuramos refletir sob um novo posicionamento: O que essa tendência trouxe de qualidade para educação? Essa é uma

questão que nos surgiu, que nos põe a refletir, não tivemos aqui a intenção de analisar nem tampouco julgar esse método como bom ou ruim. Pois que, estamos extraindo as lições que as narrativas da professora Jurandir Brito nos proporcionou, mas que diante de tudo que foi exposto em suas falas, vão surgindo inúmeras indagações a respeito dos processos educativos, do que é ser professor tradicional, professor construtivista.

É pertinente destacar que cada uma das vivências que aqui foram narradas, embora que provocadas por questões, ainda sim nos mobilizou no sentido de buscar sempre um aperfeiçoamento no tratamento dessas falas, evitando algumas generalizações e possibilitando que tenhamos um posicionamento ético e responsável diante das questões que nos são apresentadas.

Considerações Finais

Constatamos em Bueno et al (2006) que a grande potencialidade explicativa dos estudos autobiográficos reside no fato de que eles apresentam um caráter explicativo/formador, no qual além de conhecermos os aspectos relativos às peculiaridades da formação docente, também nos aproximamos das questões das especificidades educativas. E concluímos, ao defini-los, que seus estudos estão para abertura de novas análises, mais do que para encerramentos ou conclusões definitivas, cabendo aqui salientar que o conhecimento aqui referenciado às autobiografias não permite que cheguemos a um fim absoluto, porque sua estrutura nos permite inúmeras reflexões, e deixá-las numa perspectiva de algo acabado seria reduzi-las em todas as suas potencialidades.

Referências Bibliográficas

BUENO, Belmira Oliveira. *O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11 – 30; 2002.

- BUENO, Belmira Oliveira et al. *Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente, Brasil (1985 – 2003)*. Educação e Pesquisa, São Paulo; v. 32, n. 2, p. 385 – 410, 2006.
- JOSSO, Marie Christine. *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa, 2002.
- JOSSO, Marie-Christine. *História de Vida e projeto: Histórias de vida como projetos e as “histórias de vida” a serviço de projetos*. Educação e Pesquisa; São Paulo: V. 25, nº 02, pág. 11-23, 1999.
- LUGLI, Rosário S. Genta; SILVA, Vivian Batista da. *A escrita de si como alternativa de formação docente: análise de uma experiência*. Horizontes, v. 25, n. 1, p. 35 – 45, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.
- SOUZA, Eliseu Clementino. *Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação*; In: PASSEGI, Maria da Conceição; SOUZA, Eliseu Clementino de (Orgs.). *(Auto) biografia: Formação, territórios e saberes*. Natal – RN: EDUFERN; São Paulo: PAULUS, 2008. Pág. 85 – 101.